

DINÂMICA EDUCACIONAL NA SALA DE AULA

Felipe Ivo
felipeivofisico@gmail.com

Maria Lucia Siqueira
luciasp9@hotmail.com

Clodoaldo Valverde
valverde@ueg.br

RESUMO: Desenvolvemos na escola um projeto em que apresentamos, de forma lúdica, os tópicos de Física aos alunos, assim os discentes contextualizaram o conteúdo e compreenderam melhor como a disciplina é aplicada no seu dia a dia. Com isso tivemos uma participação mais efetiva dos estudantes, dentro e fora da sala de aula, desencadeando um interesse maior pela matéria. No começo das apresentações, houve certo receio dos alunos com os monitores em sala, sendo estes comparados a professores, por isso tivemos de conquistar sua confiança e respeito para que pudéssemos começar a desenvolver o projeto com maior segurança e colaboração dos estudantes. Em contrapartida, na escola houve um interesse maior no projeto por parte da equipe gestora da instituição, devido à aparente melhoria no desempenho dos alunos. Semanalmente fazíamos a monitoria em sala de, auxiliando o professor e ajudando de forma individual. Na carteira dos alunos, resolvíamos exercícios e tirávamos dúvidas sobre conteúdo que estava sendo ministrado pelo docente. Também à tarde, periodicamente, resolvíamos exercícios de revisão e preparatórios para vestibulares em geral. Para enriquecimento de todas as aulas, apresentávamos experimentos, sendo estes de baixo custo. Com o começo do projeto, aprendemos a identificar todos os tipos de alunos e suas dificuldades aparentes, sendo que alguns de nós nunca havíamos entrado em sala de aula. Em razão dos problemas enfrentados pelo professor, como indisciplina e falta de interesse dos alunos, tivemos receio de lidar com as turmas, gerando uma dificuldade inicial com o desenvolvimento do trabalho. Após a realização dos experimentos, aumentamos o nosso conhecimento e também dos alunos, sendo isso perceptível em suas notas, assim também conseguimos trazê-los para outra realidade, mostrando como a Física é menos abstrata do que eles pensavam. Desta forma, aprendemos como trabalhar em sala de aula, sendo de suma importância para o início da nossa carreira docente.

Palavras-chaves: Experimentos. Docência. Aprendizado.

Introdução

O objetivo do trabalho realizado na escola era apresentar uma Física não abstrata aos alunos e desenvolver todas as nossas habilidades para o ensino, pois esta experiência seria de

grande estímulo para continuar na vida docente, na qual já estaríamos familiarizados com os alunos e a escola, sendo isto importante para a carreira do magistério. Assim, o projeto começou a ser realizado por todos, sempre almejando estes objetivos.

Na escola encontramos uma realidade diferente, na qual os alunos apresentavam uma base fraca na Matemática e na Língua Portuguesa, por causa da ausência de um ensino fundamental melhor. Com todas essas observações que obtivemos dos alunos, foi necessário mudar um pouco a forma de trabalho para nos adequar à realidade que a escola vivenciava.

Desse modo, tivemos de pensar em formas diferenciadas de ensino para atrairmos os estudantes, assim poderíamos ajudar no déficit de ensino e trabalhar para que recuperassem suas notas. Com a otimização das notas, chamaríamos a atenção de toda a coordenação pedagógica, a qual daria mais valor ao projeto e nos ajudaria mais na sala e nos contra turnos, em que estão sendo ministradas as aulas.

Com o apoio da escola, tivemos direito a uma sala de aula para o contra turno, na qual desenvolvemos nossas aulas, e todas as experiências com a participação direta dos alunos. Assim, recebemos muitos questionamentos dos discentes, com várias perguntas e debates. O aproveitamento foi muito satisfatório para todos os envolvidos no trabalho.

Durante o desenvolvimento do trabalho, encontramos alunos desinteressados e cansados da escola, com apenas o objetivo de conseguir um diploma. Há também alguns que por algum tempo tentaram se interessar, mas no final acabaram desmotivados por várias razões: amigos e a própria instituição, que não oferece algo diferente.

Diante disso, tentamos atrair os alunos para perto e assim mostrarmos como a Física pode ser menos abstrata e mais realista, como algo que eles veem no dia a dia e usam sem nem notar que é Física. Assim tentamos cativar todos os tipos de estudantes, principalmente aqueles indisciplinados, com isso conquistaríamos grande parte da escola e poderíamos descobrir quais são suas dificuldades em sala de aula e no seu cotidiano.

Tivemos várias oportunidades de avaliar o nosso projeto, e assim conquistamos todos os alunos da escola. Portanto, o nosso trabalho vem sendo gratificante e cada vez mais reconhecido por todos na instituição, sendo relevante para os discentes, os quais intensificaram o interesse pela matéria.

Desenvolvimento

No primeiro dia do projeto, ao entrarmos em sala de aula como monitores, no período matutino, deparamo-nos com toda diversidade de alunos e todos com algo especialmente em comum: o desinteresse, e acreditamos que este seja o maior empecilho da aprendizagem nas escolas.

A sala de aula é regida por um professor, e este ministrava suas aulas enquanto nós (monitores) prestávamos algum tipo de assessoria particular a um ou outro aluno. Além da monitoria, dávamos certo reforço na parte da tarde. Nesse meio tempo, explicávamos exercícios, resolvíamos atividades propostas pelo professor ou que nós mesmos elaborávamos. Inicialmente pouquíssimos alunos compareciam, os quais faziam parte da minoria que se interessavam. Mas não queríamos atingi-los, almejávamos alcançar os desinteressados, que eram os discentes com maiores dificuldades e notas baixas, e, portanto, os mais desmotivados.

Alguns alunos levavam celular para a sala de aula: escutavam música, jogavam, conversavam por *sms*, e isto os deixava distraídos, pois estes entretenimentos os dispersavam. Tudo ocorria sem que o professor, na maioria das vezes, soubesse (lembrando que é proibido usar celular em sala de aula). Outros alunos trabalhavam no período vespertino, estes, na maioria das aulas, dormiam, porque estavam cansados ou julgavam-se muito preguiçosos para assistirem às aulas. Havia também estudantes que iam à escola como uma obrigação imposta pelos pais, estes, na maioria das vezes, ficavam a aula inteira conversando e muitas vezes tiravam a autoridade do professor, uma vez que o mesmo não conseguia ministrar o conteúdo com barulho e conversa. Havia ainda uma quarta categoria de alunos que realmente se interessava, mas este grupo estava sendo pouco a pouco extinto, pois estes discentes estavam dispersando-se para os outros, seja pelas amizades ou pelo professor, pois este, muitas vezes, devido à carga horária extensa ou em razão da própria indisciplina e desinteresse da turma, acabava se desgastando, o que afetava a qualidade de suas aulas.

Outro grande agente culposo pelo mau desempenho era os pais desses alunos. Os pais deveriam participar ativamente da vida escolar dos seus filhos: “aula assistida hoje, é aula estudada hoje” (PIAZZI, Pierluigi). Os pais deveriam incentivar os filhos a estudar para

aprender, visto que não é o bastante apenas assistir às aulas. Entretanto, muitos progenitores não têm condições ou tempo para dedicar a seus filhos, isso nos leva a outros tipos de problemas que interferem diretamente na aprendizagem, como os fatores emocionais, os quais refletem de forma decisiva no modo de pensar, aprender ou assimilar as coisas.

As aulas devem ser ministradas para que os alunos entendam, e estes por sua vez devem estudar em casa para aprender o que entenderam na escola. Entretanto, se não há interesse, logo não há aprendizagem. Muitos alunos só querem aprender o que acreditam que lhes convém: como jogar o jogo do momento, cantar a música nova do cantor tal, mexer no celular, etc. Eles não se interessam pelas matérias da escola, não querem aprender o conteúdo.

Os discentes não querem notas altas, mas desejam passar de ano; e para isso não é preciso tirar uma nota maior que 6,0, já que a média anual deve ser 5,0; e mesmo que não se consiga a média anual, há uma série de trabalhos de recuperação; há prova substitutiva caso muitos alunos tenham uma nota baixa na mesma sala; e há também a própria recuperação semestral. Este sistema de avaliações é totalmente falho, visto que não são necessárias notas muito boas para conseguir média no fim do ano.

Assim, há alunos em pleno 2º e 3º anos do ensino médio que não sabem realizar, por exemplo, as quatro operações básicas (adição, subtração, divisão e multiplicação). A maioria é também analfabeta funcional: não entende o que lê, não sabe interpretar um problema, um gráfico ou um simples texto. Talvez os alunos devessem ler mais, porém não o fazem, devido ao desprazer que sentem. A grande culpa disso talvez seja do professor de Português, que impôs a leitura de algum livro. A leitura deve ser realizada como uma atividade prazerosa, leitura é lazer, entretanto o aluno associa a leitura a uma experiência ruim, aquela de ter lido um livro que não gostava por obrigação.

Da mesma forma acontece com as outras disciplinas, muitos estudantes não sabem contextualizar, não veem a Matemática, Física, ou qualquer outra matéria como algo da própria realidade. Assim, como monitores, nos víamos na obrigação de espantar esses alunos, mostrar a eles o mesmo mundo de uma forma diferente. Incitar-lhes a curiosidade, fazer da mesma a promotora do interesse. Fazer com que os alunos pensassem “como?”, “por quê?”, “quando?”. Queríamos mostrar aos alunos o que de fato estava presente na realidade deles, queríamos que eles entendessem e vissem que era realmente necessário aprender, não

para passar de ano, mas para guardar para a vida. Logo, para atraí-los, começamos a montar experimentos de Física.

Alguns experimentos, como o da vela que acende sozinha (liga-se a vela, em seguida apaga-se e depois, a certa distância, consegue-se acendê-la sem encostar em seu pavio), tiveram uma boa repercussão. Experimentos como este, que para os alunos, à primeira vista, é tido como uma certa “mágica”, surgindo indagações, foram altamente satisfatórios para nós, pois conseguimos algo fundamental para o interesse: a curiosidade. Assim despertamos nos alunos, por meio das experiências, feitas com situações corriqueiras do seu próprio dia a dia, a sua curiosidade, e aquela falta de ânimo, imposta a nós pelo desinteresse dos alunos, foi acabando.

Depois de alguns experimentos feitos em sala de aula, às vezes no final da aula do professor, passaram a vir no contra turno mais alunos que antes. Estes vinham por mera curiosidade, o que era excelente, pois a curiosidade para nós era fundamental.

Com os experimentos, os estudantes ficaram mais interessados de fato pela Física, pois puderam ver por meio deles a Física como algo menos abstrato na sua realidade. Mas havia ainda outro problema: eles não conseguiam desenvolver as resoluções de exercícios simples. Isso porque, como dissemos há pouco, tínhamos em sala de aula analfabetos funcionais: os alunos não sabiam interpretar textos, alguns não conseguiam nem ao menos ler direito, logo não podiam resolver os exercícios, pois não sabiam primeiramente entender o que devia ser feito, o que pedia o exercício. Outro problema é que, mesmo que soubessem interpretar, pouquíssimos conseguiriam resolver uma equação algébrica do primeiro ou segundo grau, tampouco as operações básicas. Assim, logo nos vimos novamente de mãos atadas, visto que na Física a Matemática é altamente necessária, isto nos impôs outra “obrigação”, a de ajudar os alunos também a desenvolver e calcular as equações, este foi um dos fatores que contribuíram para o médio desempenho do projeto.

Logo os alunos viram certa dificuldade naquilo, viam-se incapazes de resolver os exercícios porque não entendiam, e quando entendiam não sabiam como desenvolver sua resolução. Assim tínhamos muitos alunos inicialmente, quando apresentávamos experimentos, e estes permaneciam na sala até apresentarmos a parte teórica e satisfazer-lhes a curiosidade. Depois ficavam apenas os alunos que realmente queriam entender, e estes eram

poucos. Acreditamos que isso tenha ocorrido devido à falta de incentivo, não só da parte do professor, mas principalmente dos pais. Estes devem ser os maiores interessados na vida escolar dos filhos, e nem sempre é o que de fato acontece.

Conclusão

Podemos notar, com tudo o que foi feito na escola, que os alunos carecem de um trabalho diferenciado para que voltem a ter motivação pelos estudos. Assim aprendemos a motivar esses alunos, a tentar mostrar-lhes um caminho diferente, onde o estudo pode lhes proporcionar uma vida melhor com algo a mais.

Se a escola, os pais e os alunos não estiverem juntos, não há como alcançar um desenvolvimento satisfatório. Muitos discentes não se interessam por nada, e quando se interessam, logo perdem a curiosidade, por falta de incentivo e por comodidade do sistema avaliativo, que visa quantidade em vez de qualidade. Os alunos, em sua maioria, só são instigados com uma única “obrigação”: passar de ano, menosprezando assim a aprendizagem, e esta é algo que deve ser trabalhada não só na escola, mas principalmente fora dela, visto que a instituição de ensino existe para auxiliar no conhecimento, para fazer o aluno entender, assimilar os conteúdos, porque as aulas servem para que o professor possa explicar, fazer entender a matéria. Logo, cabe aos pais a tarefa de fazer com que seus filhos estudem, porque só através do estudo tem-se a aprendizagem e isso é algo que é trabalhado desde cedo. Há em questão um grande equívoco em que estudar é sinônimo de assistir aulas, na verdade a aula é feita para que o professor explique a matéria e o aluno possa entendê-la; para o aluno aprender, ele deve estudar, e isso é feito em casa, sozinho. Precisamos, antes de tudo, que os alunos tornem-se estudantes.

A nossa maior experiência em sala foi ter desenvolvido um trabalho satisfatório, conseguindo trazer alguns alunos até nós, desenvolvendo sua curiosidade para as matérias de exatas, mostrando uma Física nova, na qual não há abstrato, mas sim algo novo e de fácil entendimento a todos.

Agradecimentos

Universidade Estadual de Goiás
Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação
Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)
6 e 7 de junho de 2013

Agradecemos ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa.

Referências:

GENTILE, Paola.

<<http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/base-sala-aula-428564.shtml>>

GARCIA, Nilson Marcos Dias, Doutor em Educação. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Departamento Acadêmico de Física e Programa de Pós-Graduação em Tecnologia; Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasil.
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000200010>

MOREIRA, M. A. Teorias de Aprendizagem. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

VILLANI, A. Reflexões sobre o ensino de física no Brasil: práticas, conteúdos e pressupostos. São Paulo: IF – USP. Disponível em: <<http://www.sbfisica.org.br/rbef/pdf/vol06a18.pdf>>.